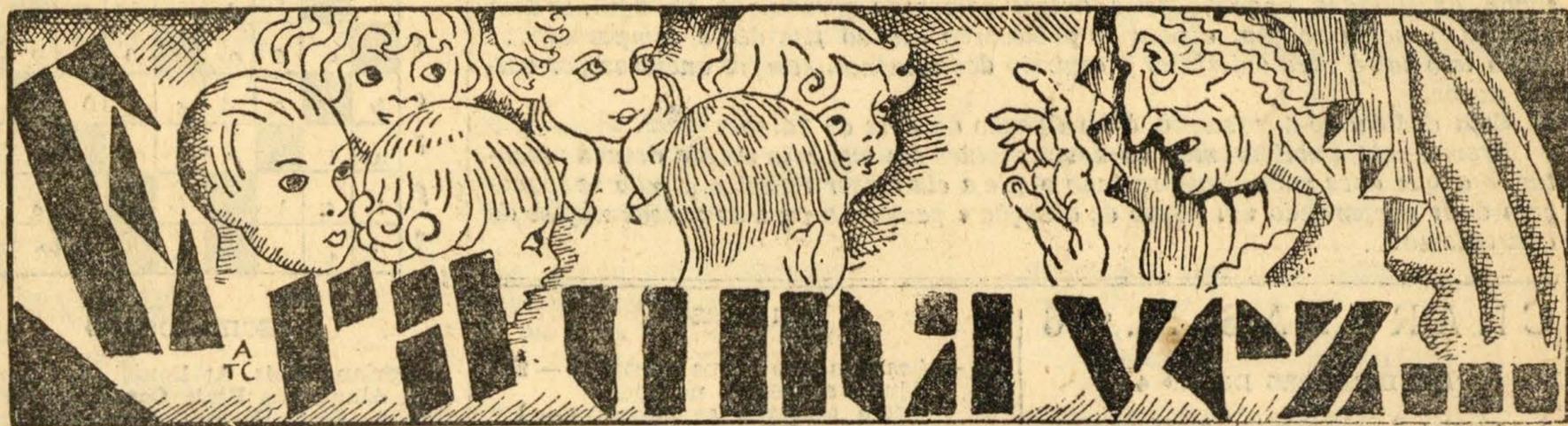




SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR
AUGUSTO**O SECULO**DE SANTA
RITA**UM OVO POR UM REAL**

Por LAURA CHAVES

O Senhor Manoel Caniço viu na tendinha do Grilo que se vendia chouriço a três escudos o quilo.

O Manoel ficou varado... — que caso fenomenal... e pensou, entusiasmado; "Um ôvo por um real!"



Três escudos! É de graça! Vou já dois quilos comprar e logo a Rita que os faça, com arroz, para o jantar.

Ora o chouriço barato era mau, falsificado, tinha carne de chibato e estava a zarcão pintado.

Por isso, quem o comia, tombava logo de bôrco, porque aquela porcaria tinha tudo menos porco.

Pois o Manoel, mas que espiga, comeu tanto, o animal, teve tal dor de barriga, que deu baixa ao Hospital.

Logo o doutor o operou e foi tanta a gravidade que o Manoel, quando acordou, das tripas tinha a metade.

Custou-lhe esta brincadeira com médico e tratamentos, massagens, ida à Felgueira, vinte contos e quinhentos,



fora a questão que perdeu contra o Grilo, êsse bandido, mais a indemnisação que deu por ter difamado o enchido.

O conceito não é raro, é, até, muito banal, pois não há nada mais caro que um ôvo por um real.

HORA de RECREIO

ADIVINHAS, ENGENHOCAS, JOGOS, ETC.

Todos os dias chovem, na nossa mesa de trabalho, dezenas de cartas com colaboração diversa para esta secção, pedindo, a maior parte delas, publicação imediata dos trabalhos que contêm.

Ora, isto não pode ser, porque os concorrentes são muito como se tem verificado, o espaço é pouco e, sobretudo, todos são considerados igualmente, estabelecendo-se, por princípio, a ordem alfabética para a publicação dos trabalhos.

Nestas circunstâncias e porque «Hora de Recreio» tende a progredir constantemente, a partir do próximo campeonato não publicaremos senão colaboração com caracter charadístico, dando, assim, maior tiragem ao grande «stock» que temos em nosso poder.

Isto não quer dizer, contudo, que não continuaremos com a publicação de jogos, habilidades, engenhocas e outras coisas de agrado que, até aqui, se têm publicado nesta secção, e nela se publicarão até ao fim deste campeonato... Tudo isto sairá para satisfazer o espirito dos meninos, sempre anciosos por coisas novas.

Esta dedicar-se-á, somente, à divulgação da Arte de Édipo.

Brevemente publicaremos os novos moldes em que esta secção deverá assentar e a que deve subordinar-se tudo o que a ela disser respeito. E não se esqueçam de ir preparando um pouco de atenção e paciência para as nossas noções de charadismo...

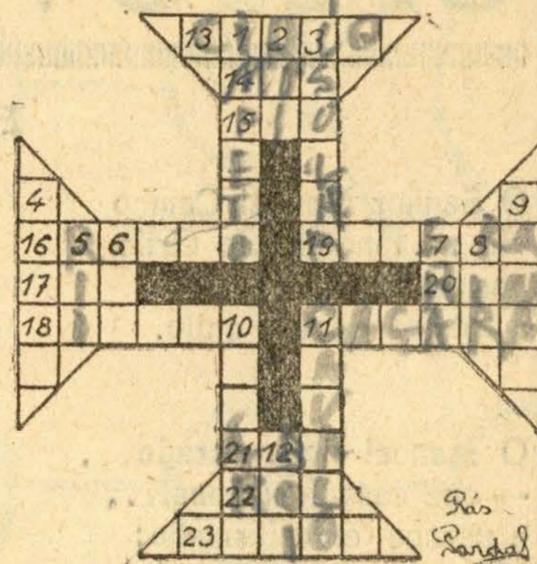
PALAVRAS CRUZADAS

DECIFRAÇÕES DO N.º 3

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1	m	e	s		u			a	m
2	a	r	o		l			s	a
3	i	a		i	d	e			e
4	s		b	r	a	v	a		a
5		c	o	a		o	v	o	
6	p		a	d	e	l	o		r
7	a	r		o	l	a			o
8	r	e			b			v	o
9	a	i	a		u			a	r

DECIFRADORES

Adriano Reis, Al Damei, Alfredo Matos, Almerinda Praia Carvalho, António Freire, Béu, Dario dos Santos Frazão, Dr. Seringa, Emídio Matias Pinto, Jorge Pereira, Lequitas, Lince, Lucas, Luciano Malheiro, Manecas & Tonecas, Manuel Aguincha, Mizita, Pipocas, Renato R. Paulo, Zé Fernandes, Zé Manel e Zette.



PROBLEMA N.º 6

Verticais: 1—Impulso violento; 2—Tempo do verbo roer; 3—Tornar só; 4—Pássaro; 5—Corrente de água; 6—Consoante e vogal; 7—Época; 8—Expansão de alegria; 9—Terra portuguesa; 10—Roera; 11—Mamífero; 12—Animal doméstico.

Horizontais: 11—Apanhara; 13—Tocha de cera; 14—Pedras de moer; 15—Tempo do verbo piar; 16—Cheio de erva; 17—Rio de Portugal; 18—Furtar; 19—Parara; 20—Órgão do corpo de certos animais; 21—Encosta; 22—Lista; 23—Cavalo castanho torrado (pl.).

longará mas, é natural, só para os números publicados anteriormente. Estamos presentemente neste caso, mas, mesmo assim, a lista citada chegou atrasadíssima...

CHARADAS N.º 6

DECIFRAÇÕES DO N.º 4

1—Pavia; 2—Papagaio; 3—Ilustrado; 4—Bélico-bêco; 5—Colmbra-cobra; 6—Edil-lide; 7—Moca; 8—Lisboa; 9—Tomar; 10—Muito padece quem ama.

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Al Damei, Adriano Reis, António Freire, Béu, Dr. Seringa, Lucas, Luciano Malheiro, Mizita, Oliveiraribeiro, Piruças, Tomigas e Zette

(Totalistas)

Alfredo Matos, Almerinda Praia Carvalho, Emídio Matias Pinto, Lequitas, Manecas & Tonecas, Renato R. Paulo e Zé Fernando, 9; Dario dos Santos Frazão, Jorge Pereira, Lince e Manuel Aguincha 8; Zé, 6; Zé Manel, 2.

SINCOPADAS

1) — O «reptil» é perigoso para esta dança portuguesa. — 3-2

ve vo na Aba

2) — Vi o homem sossegado roubar a «ave» e fugir. — 3-2

na ca la Adriano Reis

COMBINADA

3) — 1 + pa = manto
1 + po = batráquio
1 + vil = toca

Conceito: Peça de vestuário

Alberto Lopes de Melo

EM LOSANGO

4) —

* * * * *
* * * * *
* * * * *
* * * * *
* * * * *

consoante «bebida»
cesto de junco
chávena
instrumento de lavoura
arco pequeno
vogal

Al Capone

EM VERSO

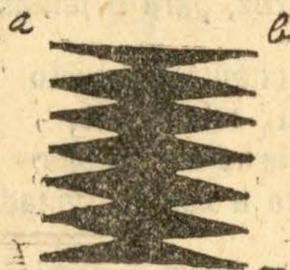
5) — Senhora dos meus encantos — 2
Ajude a vencer na vida
Quem afastado se encontra — 1
Da sua mazinha querida.

Anjocarfer

NOTA — Por ter saído incompleto, é o ponto n.º 9, referente a Charadas N.º 4, contado a todos os decifradores.

Por lapso não incluímos a concorrente Mizita como decifradora do n.º 2. Decifrou 4 pontos e o provérbio. Fica feita, assim, a devida rectificação.

ILUSÃO DE ÓTICA



Olhando esta figura, todos a tomarão por um rectângulo cujos contornos não são visíveis. Porém, é um quadrado perfeito e, para se verificar isso, basta medir com um compasso as distâncias que vão de a a b ou a c, etc.

Outra ilusão se nos depara, cobrindo com um cartão metade da figura cuja extremidade deverá acompanhar a linha mediana de a b a c d. Parecer-nos-á, então, que as pontas do quadrado se abrem em leque.

CORRESPONDENCIA

Lequitas — As decifrações do n.º 3 chegaram muito atrasadas. O prazo para a entrega das listas é de 15 dias. Contudo, pode prolongar-se se, por qualquer circunstância, interrompermos a publicação de «Horas de Recreio». Consoante essa interrupção for de 1, 2 ou mais semanas, assim o prazo se pro-

FOGUETES ANTES DE TEMPO

Por FELIZ VENTURA

A senhora Malva-rosa,
Pequenina e engraçada,
Foi, com outras companheiras,
Sobre um muro colocada.

Ora, a uma Trepadeira
Que havia mesmo à entrada
E que, circundando a quinta,
Formava linda latada,

Disse, um dia, a Malva-rosa
Pensando ter mais valor:
«Com que, então, a minha amiga
Nunca nos dá uma flôr?»

Só folhagem verde-escura,
É que a amiga tem em si!
Eu, se tal me acontecesse,
Já me tinha ido daqui.

Mas em mim, graças a Deus,
Há sempre belas florinhas,
Tão lindas que já disseram
Não haver iguais às minhas.

Nunca perdi a folhagem,
Quer no inverno ou no verão.
Há sempre, em mim, formosura
Mesmo que caia nevão.

Mas, agora, para si
É que o inverno é uma maçada;
Pois quando chega o outono
Logo fica desfolhada.

Tem, então, um tal aspecto
Que dá vontade de rir.
Se eu fôsse a si, arranjava
Manto para me cobrir.»

E foram tantas as coisas
Que ela disse à Trepadeira,
Que esta acabou por zangar-se
E dizer desta maneira:

«Mas que grande maçadora
Que a senhora me saú!
Vir meter-se aqui comigo!
Nunca tal coisa se viu!

Não seja tão tagarela
E viva aí sossegada;
Que eu, por mim, cá faço o mesmo,
Pois não sou mal educada.»



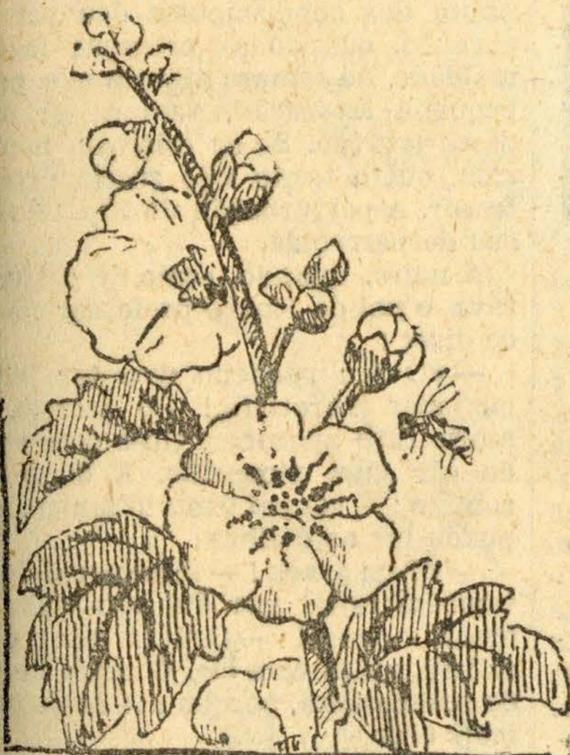
Desde êsse dia, em diante,
Ninguém mais as viu falar,
Mas, sorrindo, a Malva-rosa
Não deixou de a desdenhar.

Passaram, assim, os meses...
Ressurgiu a Primavera
E, com ela, tantas flores
Como em nenhum ano houvera;

Entretanto, a Trepadeira
Teve tal carregaço
De florinhas tão formosas
Que parecia um chorão.

Desta maneira, ficou
A Malva-rosa vexada.
E a outra, com tal partida,
Ria, ria à gargalhada.

A moral dêste continho
É fácil de adivinhar:
Foguetes, antes do tempo,
Nunca devemos deitar.



BONDAD E

Por GRACIETTE BRANCO

Coisa alguma existe no mundo que suplante a Bondade. Tão grande é o seu poder que excede, em acção criadora, tudo quanto na vida se impõe à nossa admiração. A sua influência, quási miraculosa, desdobra-se, multiplica-se, por vezes. Como um exemplo da sua benéfica acção, vou contar-lhes uma pequenina história que é uma prova evidente da sua sublimidade. Ora escutem, meus amiguinhos:

Luizinha era uma menina tão caridosa que tudo, quanto tinha, repartia pelos pòbrezinhos. Não havia mendigo, que passasse à sua porta, que ela não socorresse.

Ao chegar à idade de casar, destinaram-lhe um noivo muito rico mas de génio intratável. Ciumento, avaro da formosura daquela que desposara, fe-

chava-a a sete chaves, impedindo-a, portanto, de sair e de socorrer a miséria.

Luizinha chorava, sòzinha, lamentando a sua triste sorte. Todavia, um ano decorrido, um filho, lindo como os Anjos do céu, veio aquecer a frialdade do seu isolamento, como um raiozinho de sol, através das grades duma prisão sombria.

Revendo-se na graça do seu menino, via-o crescer dia a dia, desabrochando como uma linda flor. Seu único desgosto era ver-se impedida de proteger a pobreza.

Mas, uma tarde, através da janela dos seus aposentos, Luizinha olhando, docemente a rua, sentiu-se completamente feliz: — O seu pequenino, já com seis anos, caminhando ao encon-



tro duma pobre mendiga, enchia-a de esmolas, num hereditário impulso de Bondade.

O mundo rachado

POR FRANCISCA DO CARMO COSTA

NA escola, o aluno mais distinto em geografia, era o pequeno Rui.

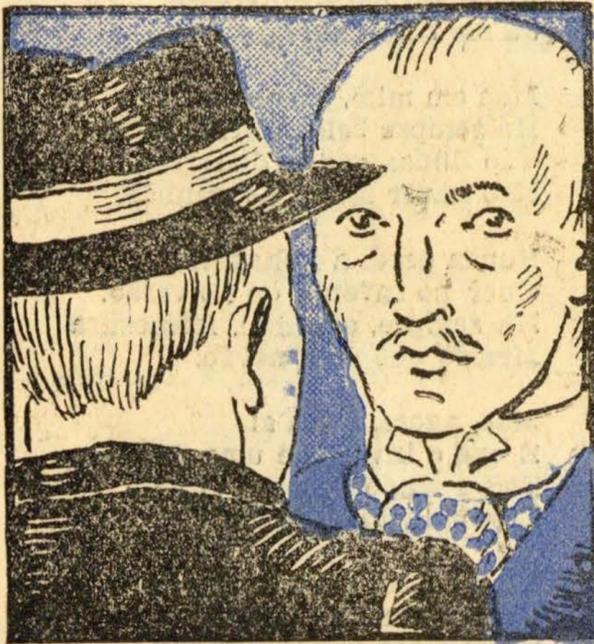
As outras crianças, quando Rui mostrava nas lições a sua aplicação ao estudo, pois nunca se enganava nos nomes e nos lugares das serras, dos rios e das vilas, ficavam muito confusas mas, à hora do recreio, desforravam-se a cochichar:

— «Não admira, o Rui saber mais do que nós! Ele tem em casa um «mundo novo», muito bonito que até dá gosto passar os dias a olhar para êle, a fazer rodá-lo no eixo. Assim, dá mais vontade de aprender!»

Os condiscípulos do Rui tinham uma pontinha de razão.

Rui era filho único dum abastado lavrador. O pai podia dar-lhe todos os mimos. Como presente de passagem de classe com distinção, Rui recebera do pai uma esfera nova, reluzente, onde o pequeno estudava com gosto, porque podia muito bem aprender assim. E a todos dizia:

— «Um dia, o papá leva-me à Itália, à



Franca, e à Argentina, às nossas Colónias e ao Brasil.

Quando eu fôr às nossas Colónias vou por aqui fora. Saio de Portugal, entro neste bocado azul, que é o Oceano Atlântico. Sigo por êste tracinho, que é a linha de navegação, e vou tocando nestas manchinhas verdes, que têm, ao lado, umas letras que dizem: *Ilha da Madeira, Cabo-Verde, Guiné, S. Tomé, Príncipe, Angola e Moçambique*. Se quiser ir à Índia, a Macau e a Timor vou andando, andando, ou pelos tracinhos ou tocando nas manchas ou ainda metendo por êstes bocados maiores que são os continentes.»

Ora, estas facilidades que auxiliam e despertam o gosto pelo estudo, não as tinham os companheiros do Rui.

Nas aldeias pobres, também, as escolas são pòbrezinhas. Os alunos viam-se em sérios embaraços. Os sólidos são, na maioria, feitos de cartão e o «mundo», como os pequenos lhe chamam, é um globo em gesso, muito velho, desengonçado, com os continentes quási rôtos e os mares desaparecidos.

O próprio Rui, a-pesar-de ter em casa um «mundo novo», via-se amiudadas vezes aflito para manter a posição de ser, na aula, o primeiro em geografia.

Quási sempre salvava-se do perigo duma atrapalhação porque era muito orgulhoso e o seu capricho levava-o até ao ponto de aproveitar a hora de recreio, para estudar sem os companheiros saberem, na velha esfera da escola. Como era o único menino rico da aldeia, as outras crianças não reparavam que êle faltasse no recreio. Julgavam-no a caminho de casa, a lanchar com os pais ou a receber mimos que êles não podiam ter, porque os pais andavam nos trabalhos do campo.

Um dia, em que o Rui sorratamente se meteu na sala da aula, onde estava o

globo com os seus mares e continentes tão estragadinhos, aconteceu-lhe um grave dissabor.

Ao pegar, com precipitação, no globo, êste caiu-lhe desastradamente das mãos.

Quando Rui se curvou para o apanhar, viu, com grande terror, que o «mundo» ficara rachado...

Rui, que era muito orgulhoso, não queria ser apanhado em nenhum desaire. Colocou a esfera no seu lugar e saiu para o recreio. Levava as orelhas muito encarnadas mas, com o entusiasmo da brincadeira, nenhum dos condiscípulos deu por isso. No entanto, quando as crianças fazem uma maldade, há sempre alguém que, pela mais pequena alteração, vem a ser o senhor dêsse sêgrêdo. Se as crianças não repararam, outro tanto não sucedeu com o professor. A perturbação do Rui não lhe passou despercebida.

À noite, quando, como de costume, visitava o pai de Rui, o professor não deixou de dizer:

— «O seu pequeno deve ter feito, hoje, qualquer maroteira! No recreio, onde é muito raro aparecer, viu-o com as orelhas da côr dum pimentão. E disse cá para comigo: — «O pai é muito amigo, mas hoje puxou-lhe as orelhas...»

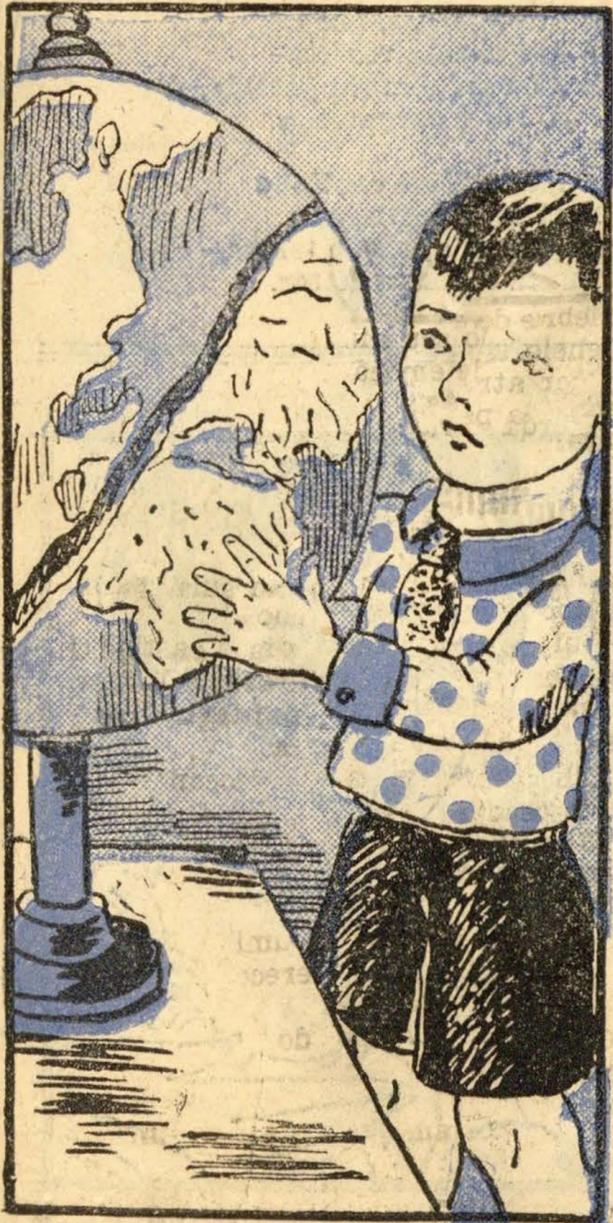
— «Tem graça! — disse o pai de Rui. Eu também notei que êle não vinha bom da escola e pensei: — Com certeza o professor ralhou muito com êle. Grande devia ser a descompostura, porque até se deitou muito mais cêdo.»

Nessa noite, Rui sonhou com o «mundo rachado». No sonho, a coisa era muito pior. O «mundo» não ficara só rachado. Caíra aos seus pés, feito em bocadinhos. Rui mostrava-se um herói. Pegou nos bocadinhos do «mundo», meteu-os na pasta e, muito em sêgrêdo, entrou em casa, foi ao escritório do pai buscar a goma e, com muita habilidade, colocou sôbre o gesso as partes azuladas e verdes dos mares e dos continentes. Voltou, novamente, à escola e foi, muito ufano de si, colocar sôbre a secretária do professor a «mundo» que estivera a consertar. O pior foi que, quando se vinha embora, reparou que o globo ficara mal consertado. O «mundo» ficara às avessas! Os mares e os continentes estavam trocados!...

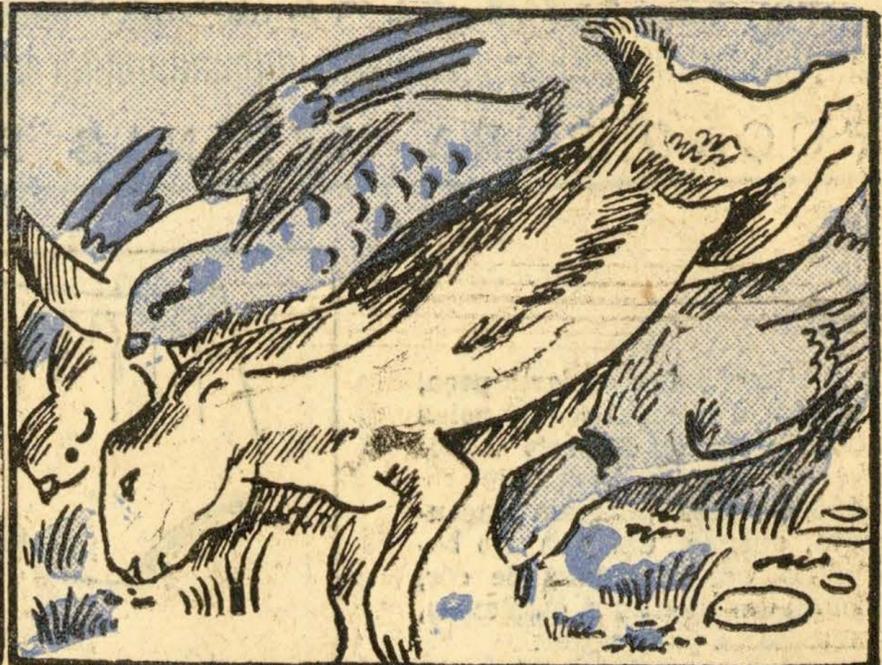
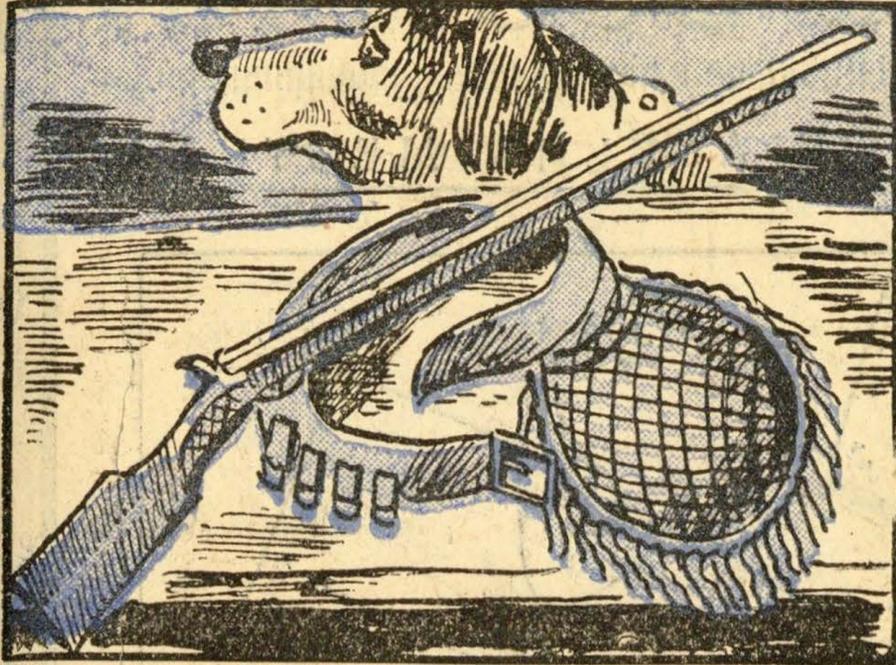
O sonho impressionára tanto o pequeno que, no dia seguinte, as suas lições foram tôdas desastrosas.

O professor já tinha dado com o «mundo rachado» e compreendeu muito bem a confusão do Rui. Para ver o que êle fazia, quando lhe pareceu melhor ocasião, apontou para a esfera e disse:

— «O nosso «mundo» já estava muito velhinho. Não girava já bem em volta do seu eixo. Por êste motivo o «mundo», às vezes, aparecia um bocadinho tôrto. Ora

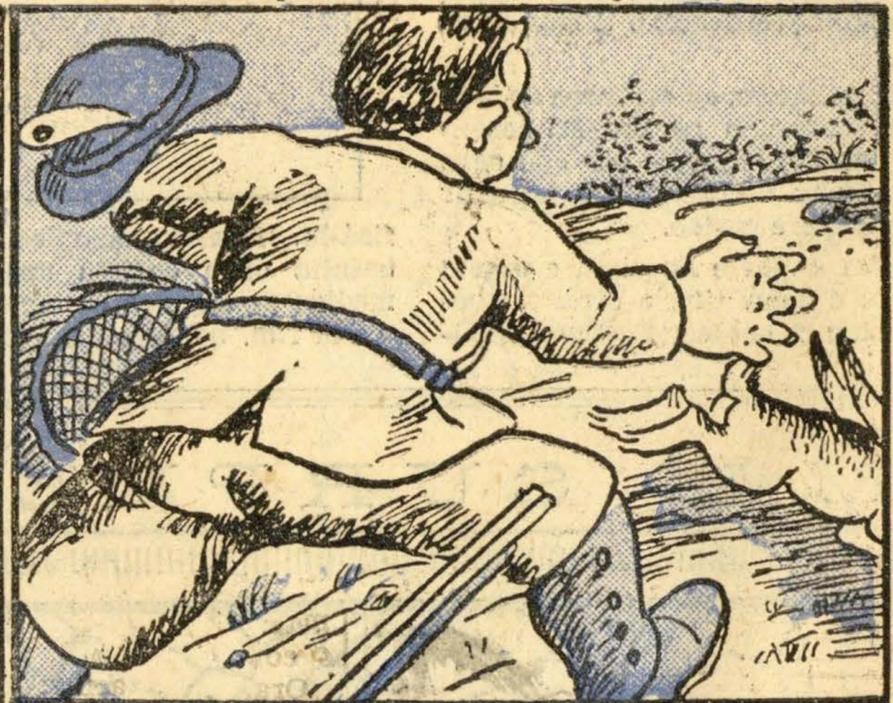


HISTÓRIA VERDADEIRA



Na minha aldeia, um certo figurão
Que dava pelo nome Zé da Graça,
Mandou vir da Alemanha um cinturão
Com arma e com cartuchos para a caça;

Porque ele é um sincero apaixonado
Por boa canja, por perdiz e rôlas;
Por lebre e por coelhos bem guizados,
Vai limpar, todo ufano, as caçarolas.



Combinou, com um grupo, uma caçada
a um certo monte que distante havia...
Iam todos com a arma engatilhada
E entre eles nosso nosso heroi sobressaía...

Salta, ligeira, a lebre do seu nicho...
E Zé da Graça, cheio de emoção,
Logo parte, a correr atrás do bicho,
Atirando a espingarda para o chão!

houve, com toda a certeza, um menino que
quiz endireitar o «mundo.» Quem seria?»
Tôda a classe ficou suspensa. As orelhas
do Rui voltaram a aparecer encarnadas.
— «Quem o fez certamente, é orgulhoso;
continuou o professor. E faz bem mal, por-
que quem não é recto no cumprimento dos
seus deveres, como pode atrever-se a que-
rer endireitar o «mundo»? Por mais habi-
dade que tenha, o «mundo» ficará sempre
rachado ou às avessas...»
Então, Rui ficou muito impressionado.
Levantou-se e, muito direito, disse com
muita dignidade:
— «Senhor professor! Fui eu quem ra-
chou o «mundo.»
E o pequeno, depois desta confissão, le-
vou mais longe a prova do seu arrependi-
mento, pois teve a coragem de dizer que
o «mundo» se partira porque ele tinha o
capricho de querer estudar em melhores



condições do que os seus companheiros. Além
de ter em casa um «mundo novo», metia-se,

sózinho, às escondidas, na aula, para fixar
as lições no mundo velho.»
Rui sofreu naquele dia o castigo do seu
orgulho. Os companheiros não lhe levaram
a bem que ele os suplantasse nas lições
pela forma que utilizara.
Olharam-no, pois, com desconfiança e um
certo desdém.
Mas Rui resistiu a esta atitude dos seus
companheiros. Ele entrara no caminho
direito.
Chegara a casa e, humildemente, pediu
licença ao pai para oferecer à escola o seu
«mundo» tão bonito.
Os companheiros do Rui fizeram-lhe
uma grande festa.
A humildade e a corajosa rectidão de
Rui, trouxeram para a escola um «mundo
novo.»

■ F I M ■

O CESTINHO da COSTURA

SECCÃO PARA MENINAS POR ABELHA MESTRA

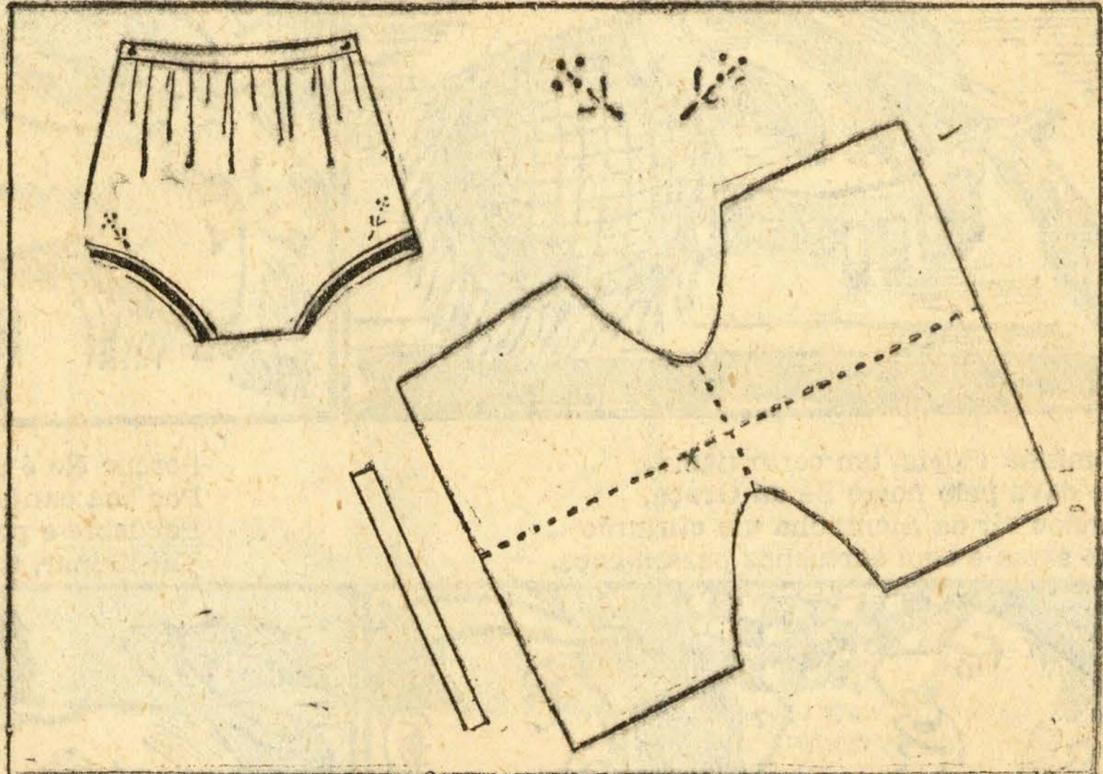
Com a publicação de mais esta peça, prossegue, hoje, o enxoval pedido pelas amiguinhas Maria do Rosário e Soledade.

Para tódas vocês poderem executá-la, basta, apenas, um pequeno bocado de pano, uma barrinha de côr, dois botões ou um elástico e, está claro, a linha necessária para coser.

Cortam o molde que vos dou, dobrando-o, em quatro partes, pelas linhas indicadas. Dobram igualmente a fazenda e ajustam-lhe o molde; depois cortam segundo o feitio, mas dando maior largura, conforme o tamanho do bebê.

Cosem, primeiro, as costuras do lado e depois terminam as pernas, cosendo-lhe uma barrinha de côr que deve ser cortada ao vizez, para não repuxar o pano em que é cosido.

Frangem a parte de cima e cosem o cós que é uma tira a direito, abotoando com 2 botões. Podem simpli-



ficá-la, fazendo, simplesmente, uma bainha onde enfiam um elástico à medida da cintura da boneca.

Por fim, bordam duas florinhas que

terminam, graciosamente, esta pequena peça do enxoval.

Vossa

Abelha Mestre.

UMA SURPRÊSA

NOÇÕES DE AERONAUTICA

(Continuação do número 589)



Encher, com tinta preta, todos os espaços indicados por um ponto.

Quando adquire a velocidade conveniente para descolar, o aviador, manobrando com uma alavanca, faz com que o leme de profundidade *M* (representado também por *M* na fig. IX) tome uma inclinação contrária à inclinação da asa e do estabilizador. Assim, o ar exerce a sua força na parte superior do leme de profundidade e obriga a cauda a baixar. Mas quando a cauda baixa o avião deixa de estar na posição horizontal novamente e, sendo assim, como a asa lhe está ligada o seu ângulo de incidência aumenta. Como viram na explicação anterior, se se aumentar o ângulo de incidência da asa, aumenta a força elevadora e, portanto, neste momento o avião descola e eleva-se no ar.

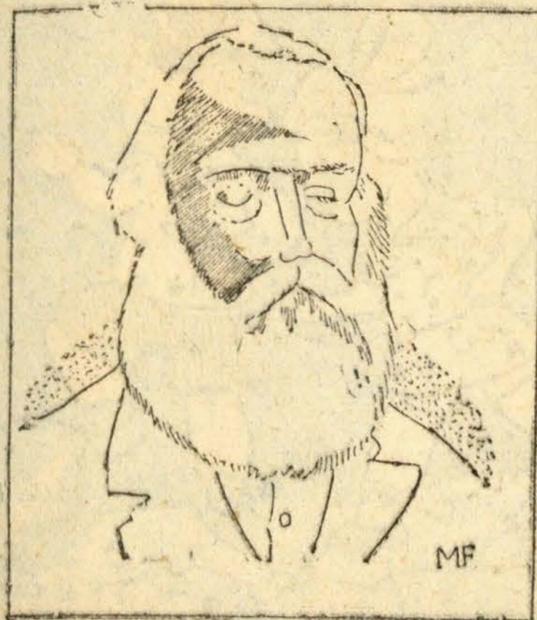
Temos, pois, o avião a voar. Suponhamos que o aviador deseja dar uma volta para a esquerda. Manobra então com uma alavanca accionada pelos pés e faz com que o ar exerça a sua força sobre o lado esquerdo do leme de direcção *D*, quer dizer, o leme de direcção roda em torno dum eixo vertical *op* para o lado esquerdo. Ao mesmo tempo, o aviador manobra com outra alavanca que acciona os lemes de asa. O leme de asa do lado esquerdo inclina-se para cima rodando em torno do eixo *mn* (fig. IX), e o ar actua pela sua parte superior, e o leme de asa do lado direito baixa, rodando em torno do eixo *mn*, e o ar actua pela sua parte inferior. Feita esta manobra ao mesmo tempo com os pés e com as mãos, o avião dá uma volta para a esquerda, inclinado para o lado interior da curva que descreve.

Se o aviador pretendesse dar uma volta para a direita procederia da mesma maneira mas ao contrário e igual explicação se daria substituindo a palavra esquerda por direita e a palavra esquerdo por direito.

De seguida, continuaremos, como já disse, com a construção.

CONCURSO: - Grandes de Portugal

VERSOS de FRANCISCO VENTURA — DESENHOS de MANUEL FERREIRA



33

Não tendo, desde menino,
A tão bela luz do olhar,
Não se entristeceu e foi
Para Coimbra estudar.

E por tal forma dos livros
Se tornou bom companheiro,
Que, entre todos os alunos,
Foi, dentro em pouco, o primeiro.

Aprendeu línguas estranhas,
Muitas obras traduziu.
Outro caso igual a este
Decerto nunca se viu.

Escreveu tantas poesias,
Sentidíssimas e belas,
Que o seu nome, ainda hoje,
Brilha mais do que as estrélas.

Duma inteligência rara,
Dotada de intenso brilho...
O nome deste ente excelso,
Todos sabem: — é



34

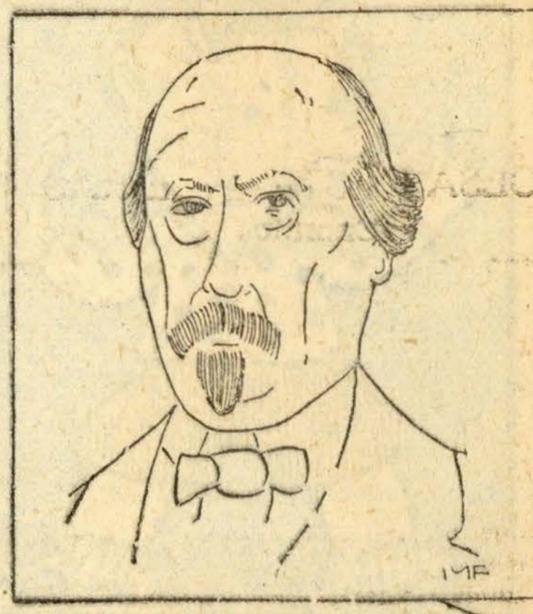
Nascido, um dia, nas Bôuças,
Foi político famoso,
Muito fazendo por este
País tão belo e glorioso.

Fundou o Conservatório,
Em Évora a Casa Pia
E as divinas Belas Artes
Tiveram Academia.

Fez mais coisas admiráveis
Que o verso pobre não diz.
Por isso vive na História
Do nosso lindo País..

E mais uma vez se vê
Que, para ser-se imortal,
Não é preciso haver guerras
Nem bravura sem igual.

Basta servir nossa Terra
Tão linda como um vergel,
Como a serviu com ardor
O ilustre



35

Político muito ilustre,
A sua fama maior,
E que jamais morrerá,
Ganhou-a como orador.

Quando falava, o seu Verbo
Tinha tão grande poder,
Que todos os auditórios
Conseguia comover.

Ao ouvi-lo, até paravam
Nos peitos os corações,
Arrastando, atrás de si,
As mais fortes multidões.

Sua voz não era voz
Às outras vozes igual.
Era uma voz nunca ouvida,
Era uma voz sem igual!

Voz que para os seus filhinhos
Pediam tôdas as mais.
Seu nome: —

OUTRA VISITA DE PAULO

POR
MANUEL FERREIRA

NAQUELE dia, o Paulo voltou a minha casa. Apreciara, decerto, a lição de História que lhe dera, e vinha dar-me a notícia de que estava preparando a sua colecção para o «Concurso:—Grandes de Portugal.»

Começou-me a fazer perguntas e, em certa altura, pediu-me que lhe explicasse quem tinha sido Afonso Henriques e Mousinho de Albuquerque. Ouvira dizer que foram as mais valentes espa-

das que refulgiram ao Sol de Portugal. Afonso fundára a Pátria: Mousinho salvará Moçambique.

À maneira de conto, expliquei-lhe: «Certo dia, nasceu um menino numa terra acastelada, Guimarães. O pai era um cavaleiro de enorme bravura. Viera de França e casára com uma dama castelhana.

Seu avô, rei de Castela, dera, para administrar, um pedaço de terra a sua mãe. Mas aí dela e do marido se um dia pensassem em tornar-se independentes! O menino, a quem chamaram Afonso

Henriques, nasceu, raquítico e enfézado. Pensaram na maneira de o tornar forte. Egas Moniz, seu aio, colocou-o sobre o altar da Virgem de Cárquere e esta tornou o aleijadinho num forte gigante. O menino Afonso cresceu e voltou os olhos para o céu. Via-se num palmo de terra, entre a Espanha e os mouros. Começou a pensar: — «Se Deus me ajudasse, alargaria os meus domínios.»

Deus ouviu-o e disse-lhe: — «Ajudar-te-hei, rapaz. Por todo esse território que se perde de vista, há muita maravilha. Esmalte de flores

ESPERTEZA LADINA

POR
FELIZ VENTURA



Joanito é um meudo
Que tem cinco anos sòmente,
Mas de tal inteligência
Que faz pasmar tôda a gente.



Um dia, o nosso Joanito
Disse assim para a irmã:
«Vamos até ao Jardim
Que está bonita a manhã...»



E por lá os dois andaram,
A rir, com gôsto, a pular...
Depois, estando cansados,
Foram-se á sombra sentar.



Ora, nessa ocasião,
Um cavalheiro, ao passar,
Pondo o pé sôbre uma casca
No chão se foi estatelar.



Ao ver isto, o Joanito
Levantou-se lestante,
E ao magoado sujeito
Diz-lhe, delicadamente:



—«Como a minha irmã Lili
Não o pôde ver cair,
Vinha pedir-lhe o favor
Do trambulhão repetir:»

e de verdura, tem castelos de sonho debruçados nas rochas, onde se enleiam as madressilvas. Tem fontes que cantam entre o arvoredo.

Tudo produz. O milho junta-se com o trigo, nos celeiros. O mel enche as colmeias. A fruta aromatisa os pomares. Os povoados são brancos. À entrada das casas, há um alpendre e uma trepadeira. Dentro, arcas, cheias de alfazema, mostram enxovais de noivado.»

Afonso ficou entusiasmado. E, com a espada e a cruz, lançou-se à conquista da terra.

Não te digo nada, Paulo! Os castelos caíram nas nossas mãos e os moiros fugiam para nunca mais voltarem.

Alta noite, quando o inimigo des cançava, êle surgia, com os seus, de



entre o arvoredo ou de entre uma seara. Homem rude, vivia apenas junto à espada.

Dir-se-ia um leão rugindo no seu fôjo. E, com fé e entusiasmo, não conquistou apenas um castelo, uma vila, uma cidade... O que Afonso Henriques edificou, à custa de lutas e sacrifícios, foi a nossa Pátria, o nosso querido Portugal!

Já é tarde, meu caro Paulo! Amanhã, volta cá, e contar-te-hei a valentia de Mousinho...»

—«Mas, a nossa História parece um conto de fadas!»— observou o Paulo, contente, a despedir-se.

—«Assim é, Paulo. Somos uma Pátria gloriosa, porque temos vivido sempre sob a graça de Deus.»

■ ■ F I M ■ ■